

# Tombola | António Fojo

A pomba caga a fachada,  
mas é o anarquista que fala à boca cheia.  
A humidade faz mais pela morte do Velho Mundo  
que a associação de todas as associações espontâneas.  
Já eu, faço o que realmente este país precisa:  
um pouco de reforço cultural.

Sem exceção para a morte,  
nem coroa de louro,  
vim ao mundo sem sorte;  
mas com uma língua de ouro.  
Diz o ancestral corolário  
que o mapa é o tesouro;  
não contaram com este larápio  
e a sua língua de ouro.  
O mar salgado liberalizou-se,  
sobra uma breve lagoa de choro;  
que, de qualquer forma,  
sempre me soube doce,  
na minha língua de ouro.

Do reduto ancestral da literatura  
A doçura do produto final se erege;  
A ventura é dura,  
é o destino que a rege.

Espalha-brasas

Um segredo que só eu sei

e que não darei de graça:

eis o empreendedorismo do poeta.

Roubei dinheiro aos meus pais,

mas valeu a pena.

Agora está na hora de descer do monte

e esquecer o berço aéreo das árvores

cujo consórcio de opinião

me rendeu extensos monólogos.

Vim para julgar;

Não tenho pelouro,

mas trouxe o fogo.

Quando o português for silenciado, falaremos uma  
outra língua.

Severa, severa, eternizada em estátua de cera à  
janela da cultura morta,

faz odes à Grande Companhia Oriental.

É o grande retorno.

O Régio ser republicano é muito Alanis Morissette.

Eu já vendi mais livros do que li.

Para que quero o Queiroz?

Eu vejo o mestre de propaganda Ventura a recrutar  
gente para recriar o Ultramar

E o Salazar à distância a ditar : “Isso não vai ser  
suficiente”

Também não preciso de uma enxada, já me doem as  
costas.

O António Aleixo não rima melhor do que eu.

O Pessoa escrevia em pé, eu sou mais sensato.  
A velha dos pombos atira pão para a minha mesa,  
mas eu retorco: “Nem só de pão vive o Homem.”  
“Mas tu não és Homem, és português”, suspira o  
Miguel Torga,  
auscultando a Igreja, procurando-lhe pulso.